



# 30<sup>o</sup> CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO



25 a 29 de novembro 2024

**Bibliotecas Fortes:  
Sociedade Democrática Recife, PE**

Eixo 3 – Formação e identidade profissional

Modalidade: trabalho completo

## **Se constituir professora, pesquisadora no campo da Biblioteconomia, Ciência da Informação entrelaçada com o campo da Educação**

*Becoming a teacher, researcher in the field of library science, information science intertwined with the field of education*

**Gisela Eggert Steindel** – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

**Resumo:** Narrativa do se constituir professora e pesquisadora do livro e das bibliotecas, ancorada nos estudos formativos no campo da biblioteconomia, ciência da informação e história da educação. De abordagem teórico-metodológica documental. Os resultados apontam um constituir-se pessoa professora/pesquisadora para além da sala de aula, quer na orientação dos trabalhos acadêmicos -, graduação e pós-graduação Stricto Sensu e ações extensionistas. Conclui-se que se constituir professora e pesquisadora possibilita um reinventar-se a cada semestre, ano: - como pessoa, professora, pesquisadora, orientadora. Nesta direção quiçá os estudantes se **(re-)** inventem ao longo do tempo, como pessoas, profissionais, professores/professoras, pesquisadores/pesquisadoras e orientadores/orientadoras.

**Palavras-chave:** 1. Ensino Superior 2. Identidade 3. Docência em Biblioteconomia 4. História da Biblioteconomia (Brasil).

**Abstract:** Narrative of evolving into a teacher and researcher specializing in books and libraries, grounded in formative studies within library science, information science, and the history of education. Employing a documentary theoretical-methodological approach, the findings illustrate the personal and professional growth as a teacher/researcher extending beyond traditional classroom settings. Concludes that the journey of becoming a teacher and researcher fosters continuous self-reinvention on a semester-to-semester, year-to-year basis, shaping one's identity as a person, educator, scholar, and facilitator. Furthermore, it suggests that students, in a similar vein, have the potential to continuously transform themselves over time, evolving into self-realized individuals, professionals, educators, researchers, and mentors.

**Keywords:** 1. Higher Education. 2. Identity. 3. Teaching in Library Science. 4. History of Librarianship (Brazil).



## 1 INTRODUÇÃO: UM PERCURSO METODOLÓGICO

Trata-se de uma narrativa na constituição de ser professora no campo do livro e das bibliotecas, objeto de estudo de biblioteconomia inserido no campo das Ciências da Informação e Educação. O trabalho tem como objetivo apresentar como pode se constituir professor(a) ao longo do tempo, descrever variáveis inclusas no percurso de um(a) professor(a) que lida com o objeto livro e bibliotecas, mostrar como a categoria tempo forja um professor(a) e por último apontar como a categoria trabalho se constituiu como modo de uma qualificação continuada. O âmbito cronológico do estudo desse relato, é o tempo presente, isto é, com registro a partir da década de 80 do século XX até as duas primeiras décadas do século XXI. O estudo adotou como princípios teórico-metodológicos a história oral valendo-se dos autores como Queiroz (1991; 1988) e Simson (1988), atentando mais detidamente para um mergulho profissional ancorada em fontes documentais ordinárias de ordem pessoal como cadernos de acompanhamento, depoimentos de estudantes, a consulta a documentos institucionais como planos de ensino, planos e projetos de trabalhos no âmbito pesquisa e extensão, fontes constituintes como informação, memória(s) e fonte(s) de pesquisa produzidas no constituir-se professora e pesquisadora.

A análise dos documentos e registros estão ancorados na categoria **tempo** pautados nos ensinamentos de Raduan Nassar (1989), quando esse afirma que o tempo é o maior tesouro que podemos dispor ainda que inconsumível e tratar-se de um fruto exótico o qual não pode ser repartido com o Outro, mas é provido a todos na mesma medida. É na esteira do tempo que se constitui um professor(a) e nessa direção a obra de Antonio Nóvoa (Org.) (2007), especialmente o capítulo de sua autoria “*Os professores e as histórias da sua vida*”, mais os capítulos “*O ciclo de vida profissional dos professores*” e “*Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e seu desenvolvimento profissional*” respectivamente de Michael Huberman e Ivor f. Godson subsidiam uma compreensão do constituir-se professora-pesquisadora. Para além desses autores também a obra de Marcos Villela Pereira (1996) concorre para a organização dos dados e entendimento dos mesmos. A abordagem autobiográfica defendida por Pereira (1996), aqui assumo como uma autonarrativa como um caminho escolhido para



expor um percurso em se constituir essa professora que sou, e uma estratégia para a escrita do texto.

### **O tempo, ensina o texto de Nassar:**

[...] é o maior tesouro de que um homem pode dispor; embora incosumível, o tempo é o nosso melhor alimento: sem medida que o conheça, o tempo é contudo nosso bem de maior grandeza: não tem começo, não tem fim; é um pomo exótico que não pode ser repartido, podendo entretanto prover igualmente a todo mundo; onipresente, o tempo está em tudo; existe tempo, por exemplo, nesta mesa antiga: existiu primeiro uma terra propícia, existiu depois uma árvore secular feita de anos sossegados, e existiu finalmente uma prancha nodosa e dura trabalhada pelas mãos de um artesão dia após dia; existe tempo nas cadeiras onde sentamos, nos móveis da família, nas paredes da nossa casa, na água que bebemos, na terra fecunda, na semente que germina, nos frutos que colhemos, no pão em cima da mesa, na massa fértil dos nossos corpos, na luz que nos ilumina, nas coisas que nos passam pela cabeça, no pó que dissemina, assim como em tudo que nos rodeia; rico não é o homem que coleciona e se pesa no amontoado de moedas, e nem aquele, devasso, que se estende, mãos e braços, em terras largas; rico só é o homem que aprendeu, piedoso e humilde, a conviver com o tempo, aproximando-se dele com ternura, não contrariando suas disposições, não irritando sua corrente, estando atento para seu fluxo, brindando-o antes com sabedoria para receber dele os favores e não sua ira; o equilíbrio da vida depende essencialmente deste bem supremo, e quem souber com acerto a quantidade de vagar, ou a de espera, que se deve pôr nas coisas, não corre nunca o risco, ao buscar por elas, de defrontar-se com o que não é; [...] ninguém em nossa casa há de colocar nunca o carro à frente dos bois é o mesmo que retirar a quantidade de tempo que um empreendimento exige; e ninguém ainda em nossa casa há de começar nunca as coisas pelo teto: começar as coisas pelo teto é o mesmo que eliminar o tempo que se levaria para erguer os alicerces e as paredes de uma casa; aquele que exorbita no uso do tempo, precipitando-se de modo afoito, cheio de pressa e ansiedade, não será jamais recompensado, pois só a justa medida do tempo dá a justa natureza das coisas [...], o tempo é largo, o tempo é grande, o tempo é generoso, o tempo é farto, é sempre abundante em suas entregas: amaina nossas aflições, dilui a tensão dos preocupados, suspende a dor aos torturados, traz a luz aos que vivem nas trevas, o ânimo aos indiferentes, o conforto aos que se lamentam, a alegria aos homens tristes, o consolo aos desamparados, o relaxamento aos que se contorcem, a serenidade aos inquietos, o repouso aos sem sossego, a paz aos intranquilos, a umidade às almas seca; satisfaz os apetites moderados, sacia a sede aos sedentos, a fome aos famintos, dá a seiva aos que necessitam dela, é capaz ainda de distrair a todos com seus brinquedos; em tudo ele nos atende, mas as dores da nossa vontade só chegarão ao santo alívio seguindo à soberania incontestável do tempo, não se erguendo jamais o gesto neste culto raro; é através da paciência que nos purificamos, [...]. (NASSAR, 1989, p.53-56, 58-59).



## 2 PROCESSO FORMATIVO - PENSAR E FAZER PROFISSIONAL

### A graduação e percursos profissionais no tempo (o início)

Há um tempo na minha constituição enquanto eu, estudante de graduação em biblioteconomia e documentação, bibliotecária e, mais tarde, professora nos campos Biblioteconomia e Educação. Minha aproximação com os livros, pode-se afirmar, vem com o tempo. Mesmo que os títulos não fossem abundantes em nossa casa, a escola isolada municipal me apresentou a primeira coleção de livros, na forma de biblioteca de classe com seus livros e cadernos de exercícios em sala, esse móvel cercado dos símbolos republicanos, a bandeira do estado de Santa Catarina e a bandeira nacional. A biblioteca de classe evoluiria mais tarde para versões próximas ao conceito *biblioteca*, gramática na qual me tornei uma profissional (bibliotecária e professora) envolvida com o livro, a informação, o conhecimento e formação de bibliotecários – homens e mulheres.

Então narro grafado em ***itálico***:

*A graduação na área de Biblioteconomia e Documentação em 1983, alcancei pela Universidade Federal de Santa Catarina, a diplomação me qualificou atuar na área; trabalhei como bibliotecária por dez anos em diferentes empresas e instituições. Inicialmente em 1984 na Fundação Educacional Jaraguense – FERJ, essa mais tarde foi transformada em Centro Universitário de Jaraguá do Sul e recentemente passou a se denominar Pontifícia Universidade Católica de Santa Catarina (PUC/SC), localizada na cidade de Jaraguá do sul, situada a nordeste do estado de Santa Catarina cidade natal onde ainda hoje vivem meus pais e parte da minha família.*

*Ainda nessa cidade, em 1985, atuei na condição de “trainee” ou estagiária remunerada na empresa eletromecânica, Eletromotores WEG S.A, um passaporte para realizar um curso de especialização na área de informação industrial na época oferecido pelo Curso de Biblioteconomia e Documentação na Universidade Federal de Santa Catarina. Concluído o curso de especialização em 1986, retornei à Eletromotores Weg na função de bibliotecária, mas lá permaneci por pouco tempo cerca de meio ano, mas o tempo suficiente para vivenciar uma experiência “categoria tempo e lugar” no âmbito de uma grande empresa. O tempo e lugar aqui enquanto categorias controladas pela empresa por um uma produção das atividades desenvolvidas na Biblioteca do Centro*



*Tecnológico, modo de trabalhar até então em uma biblioteca não conhecido por mim. Em outras palavras constituía-se o “modus operandis” desse lugar e o tempo.*

*Naquele mesmo ano de 1986 ainda me candidatei a uma possível vaga para atuar em um Projeto firmado entre a OEA e o Programa de Pós-Graduação em Administração na Universidade Federal de Santa Catarina, para implantar e atuar como bibliotecária nesse Programa de Pós - Graduação.*

*Selecionada retornei ao ambiente acadêmico, o nicho da universidade, - o contato com bibliotecários e especialmente com aqueles os quais foram meus supervisores de estágios na graduação busquei muitas vezes formas e soluções para o meu fazer na biblioteca na qual era responsável por implantar e efetuar uma gestão no mais amplo sentido; pois nessa biblioteca todas as atividades estavam sob a minha responsabilidade; isto é, da compra, organização do acervo à disponibilização e atendimento à professores e estudantes do Programa. Para além do trabalho, a convivência com corpo docente, estudantes e funcionários na universidade, instalou em mim uma inquietude da qual não pude me furtar - trilhar outros caminhos. Assim, enquanto trabalhava me mantive atenta a possibilidade de estudos continuados e conhecer Programas de Pós-Graduação no campo da Biblioteconomia ou outros que pudessem ampliar minha visão de mundo e de trabalho.*

*Deste modo em 1990 obtive êxito no processo de seleção na Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação, área de concentração Informação e Sociedade. Nas alterosas, Minas Gerais, na condição de estudante, fiquei atenta em me inscrever em outros campos de atuação da Biblioteconomia. A duração/o período do mestrado reorganizou o meu modo de compreender o tempo – em outras palavras tempo para estudar, ler, conversar (uma das formas de trabalho neste percurso de formação) com minha orientadora, dividir o não sabido e aprender a escrever um texto científico, ampliar a compreensão do trabalho com as categorias - informação e conhecimento.*

*Podemos assumir que no século XXI, a Pós-Graduação no campo Biblioteconomia e Ciência da Informação está consolidada, mas lá na década de 90 do século passado os cursos e programas eram poucos. A titulação me possibilitou, à época, não só participar da realização de concursos à docência, mas também prestar serviços e propor projetos independentes a empresas com necessidade de organização e acesso a informação.*



*Prestei um primeiro concurso público para professora, em fins de 1992, mas não obtive êxito. Dois anos mais tarde, na condição de professora colaboradora, em 1994 prestei concurso público para o Departamento de Biblioteconomia e Documentação na Universidade do Estado de Santa Catarina (DBD/FAED/UDESC, após 2000 denominado Departamento de Biblioteconomia e Gestão da Informação (DBI/FAED/UDESC). Nessa empreitada alcancei sucesso e nesta esteira fui construindo uma transposição do espaço de trabalho - biblioteca -, para a sala de aula, de bibliotecária à professora, mas diga-se, não sem conflitos que isto demanda. A condição de professora concursada permitiu trilhar um percurso de pesquisa institucional, orientar estágios curriculares e desenvolver projetos de extensão. Passados dez anos, o inquietar-se estava novamente presente dia a dia no meu ser e fazer professora. Neste contexto de inquietude, colegas professores (as) do Centro onde atuo foram essenciais para alcançar êxito no intrincado processo de seleção para o doutorado em São Paulo. Realizei meus estudos no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo, na Linha de Pesquisa História e Historiografia da Educação. Os estudos entrelaçados nesses campos me ampliaram e possibilitaram perceber o tardio e urgente diálogo entre os campos Biblioteconomia, Ciência da Informação e Educação.*

### **O constituir-se pesquisadora/orientadora e outros fazeres universitários**

*Minha trajetória como orientadora iniciou-se logo nos primeiros tempos de professora efetiva no departamento. Minha estreia, se assim se pode chamar, foi na ação de orientar trabalhos de iniciação científica. Tudo era a primeira vez: a condição de ser professora efetiva; a possibilidade de orientar trabalhos dessa natureza; e uma outra e desconhecida atividade, a extensão parte do quadro das atividades do professor (a) universitário (a).*

*Como apontei anteriormente, efetivei-me na condição de professora em 1994. Naquele ano orientei os dois primeiros trabalhos de iniciação científica: um tratava sobre a história da biblioteca universitária da nossa universidade; o outro descrevia a proposição de uma metodologia para a criação de um arquivo para recuperação da informação em artes no Centro de Artes da Udesc. Na dúvida e no estranhamento, fui construindo a orientação pautada na prática e na fala observada junto aos professores do Curso de Pós-Graduação em Administração, onde atuei como bibliotecária, - dos meus professores-orientadores; isto é, do Curso de Especialização, realizado em 1986, e na*



*experiência de escrita orientada, no mestrado em 1990. Deles e do caminho percorrido até então, aprendi que o processo de escrita está nos estudantes e não essencialmente no professor/professora–orientador (a) e sob esta perspectiva ainda hoje trabalho - acredito na criação e na capacidade dos estudantes.*

*Passada esta primeira experiência, escrevi um projeto com o objetivo de analisar o perfil do bibliotecário na percepção do público escolar (estudante do ensino fundamental). Este projeto foi desenvolvido com duas bolsistas. Foi um desafio lidar com os ritmos distintos de trabalho; apresentar a pesquisa à instituição escolar escolhida para coleta de dados; trazer leituras; discutir as descobertas dessas iniciantes em pesquisa. Aprendi que o estudante tem coragem quando o professor (a) sustenta o pensar e fazer do processo de pesquisa, isto é, este acredita no conhecimento do professor (a).*

*Em 1997, em parceria com outra professora do Departamento, desenvolvi uma pesquisa de cunho quantitativo: uma identificação e caracterização da produção científica do corpo docente da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC - e acesso a ela pela Rede Internet. Este trabalho me preparou, de certo modo, para a realização de outra pesquisa essa quanti-qualitativa acerca das bibliotecas públicas do estado de Santa Catarina. O estudo objetivou analisar as condições estruturais, o acervo e o quadro de pessoal das bibliotecas públicas municipais dessa unidade federativa. A operacionalização da pesquisa contou para a coleta de dados com professores do meu Departamento (DBI) e o apoio da Associação Catarinense de Bibliotecários (ACB). O mergulho da aluna bolsista nas atividades de contatos para coleta de dados tornou a pesquisa prazerosa, ainda que trabalhosa, complexa e com dados poucos promissores referente ao cenário das bibliotecas públicas municipais catarinenses então.*

*Com alguma experiência e leituras no campo da Educação, propus-me, em 2000, investigar práticas bibliotecárias dos primeiros bibliotecários diplomados que atuavam em Santa Catarina. Utilizei a história oral para levantar dados da vida profissional desses primeiros bibliotecários. Realizei a pesquisa com auxílio de uma bolsista com bastante afinade em escutar o Outro. A coleta de depoimentos, transcrição, organização e compreensão demandaram muita sensibilidade, fidelidade nas transcrições e objetividade nas transcrições (Termo tomado de Roland Barthes com referência à textualização de histórias de vida). A elaboração do texto da história de vida recolhida pelo pesquisador, de acordo com Gattaz (1996), deve distinguir duas fases importantes:*



*a transcrição literal e a textualização do material recolhido. A textualização em si, para esse autor, compreende dois processos: a incorporação das perguntas ao depoente, de forma a tornar a transcrição literal compreensível. Num segundo momento, realiza-se o refinamento, isto é, processa-se a incorporação de dois conceitos da lingüística compreendidos de modo sempre complementar: o de transcrição (adotado de Haroldo Campos) e o de teatro de linguagem (adotado de Roland Barthes). Um trabalho no qual foi necessário aprender a buscar uma aproximação pessoal-profissional com a bolsista para lograr êxito na investigação proposta.*

*A orientação de trabalhos no âmbito de iniciação científica sempre me permitiu e mostrar autores e textos diferentes daqueles discutidos no campo em sala de aula, mais comumente textos voltados à organização da informação e a gestão das unidades de informação. Nesta perspectiva, também os acadêmicos do Curso têm oportunidade de conhecer o seu professor para além da sala de aula e o Curso em si mais que na sala de aula. A manifestação de um dos bolsistas expressa essa condição:*

*“Aprendi a explorar os caminhos da leitura em uma literatura até então desconhecida para mim, a literatura da história cultural. Aprendi o quanto é interessante e gratificante fazer pesquisa e acompanhar os resultados. Aprendi a fazer pesquisa, seus instrumentos e ir á campo e coletar as informações. Aprendi a escrever textos científicos [...] me apaixonei pelo nosso objeto de pesquisa: A Sociedade Literária São Bento e a sua história. (Bolsista de Iniciação Científica/PROBIC/UDESC).*

*Se por um lado me encontro na condição de ensinar, por outro de fato aprendi e aprendo a cada encontro orientação; professora-estudantes. O contato com estes nessa experiência me amplia o entendimento sobre o ser um(a) estudante e compreender a individualidade de cada um no coletivo da sala de aula, na pesquisa ou na extensão universitária.*

*Outros encontros de formação se estabeleceram ao longo do tempo. O contato com estudantes fora da sala de aula (orientação de TCC) começou a acontecer no Curso de Biblioteconomia – Habilitação Gestão da Informação, a partir da reformulação curricular efetuada em 2001. Vivenciar a escrita e, por que não dizer, o ensino da escrita científica com estudantes de graduação é um exercício de muitos papéis. Para os estudantes de mestrado a dissertação/ doutorado é uma condição sine quo non para obter a titulação e para tanto há uma “enorme mobilização emocional empreendida e*



*que necessariamente afeta as esferas extra-acadêmicas”, nesse estágio da vida, como aponta Miriam Warde (1996, p.165), o que dizer dos estudantes de graduação ao se deparar pela primeira vez com as questões: o quê e como escrever seu tema de trabalho de conclusão de curso?*

*A orientação – formação, na orientação de trabalhos de conclusão de curso - é, no meu entender um processo múltiplo, digo um exercício bastante complexo e intrincado. Mas esse processo permite a invenção que nada mais é - que criar, isto é, inventar-se a si -, sentido dado por Roger Chartier, com base em Certeau (2000). Isto de certo modo se evidencia na fala de uma das orientandas de TCC.*

*“[...] aprendi a organizar e utilizar meu tempo, o tempo da instituição e os recursos disponíveis para a realização das tarefas. Sobretudo, aprendi a gostar do trabalho acadêmico, a me dedicar à pesquisa, ao estudo e à leitura crítica. “*

*Na condição de professora-orientadora e neste contexto de formação, saber aguçar no orientando sua capacidade de ler, pensar e escrever constitui para o professor um exercício de paciência e persistência. No trabalho de orientação do seu TCC um dos estudantes assim se manifestou:*

*[...] pude aprimorar minha escrita científica, prestando mais atenção em palavras redundantes, na colocação dos verbos e tempos verbais e na forma de expressar os resultados da pesquisa de uma maneira mais formal. Além disso, pude aprender mais sobre as técnicas de pesquisa e buscar fontes confiáveis para o desenvolvimento da pesquisa [...].*

*Frente aos quadros de angústia e incerteza desses estudantes sob minha responsabilidade, (re) faço os meus votos de gratidão para com meus professores (as)-orientadoras, que foram generosos em relação aos meus limites, sem, porém, deixar de se colocarem como orientadores-leitores rigorosos.*

*Outros afazeres também concorrem para a pesquisa, e cito a extensão universitária. A prática extensionista na condição de professora se constitui em um importante saber sobre ser e se (re) inventar professor (a) e pesquisador (a).*

*Iniciei minhas atividades de extensão junto com uma professora do Departamento na divulgação do Curso de Biblioteconomia, organizando falas sobre a profissão bibliotecária, desenvolvendo oficinas de orientação de trabalhos escolares em estabelecimentos de ensino público e privado. Dentre outros projetos que participei*



destaco o Programa de Extensão Museu da Escola Catarinense, proposto e coordenado pela professora Vera Lucia Gaspar da Silva, do Departamento de Ciências Humanas. Em outras palavras o programa funcionou com dois projetos a saber: 1) Projeto **OBJETOS DA ESCOLA**: Registro e inventário dos móveis e objetos do acervo do Museu da Escola Catarinense, coordenado pela Professora Vera Gaspar. Essa ação teve como objetivo realizar o registro e inventário dos móveis e objetos do acervo do Museu da Escola Catarinense. 2) Projeto **Entre Papéis**: Preservação física de acervo bibliográfico e documental do Museu da Escola Catarinense. Essa ação intentou a preservação da cultura escolar através da conservação e preservação de documentos e livros que integram o acervo desse museu. Neste projeto, foram oferecidas oficinas ministradas por especialistas, que abordam aspectos teóricos sobre a conservação e a preservação, técnicas de higienização, pequenos reparos e formas de acondicionamento de material impresso. Na esteira da experiência advinda com o trabalho no Museu da Escola Catarinense, veio o **Programa Biblioteca Pública**: um modelo de gestão, coordenado pela Professora doutora Delsi Fries Davok, Programa de Extensão do Departamento ao qual pertencço. O Programa se constituiu de cinco ações de extensão. Finalizado esse Projeto, em 2011 passei a integrar como professora participante do **Programa de Extensão Borboletas da Leitura**: a literatura infantil e juvenil na comunidade, na escola e na biblioteca pública. Esse Programa é coordenado pela professora, Maria Emilia Ganzarolli, programa que articula três diferentes ações a saber: Projeto : Borboleta da leitura na comunidade, Projeto : Borboleta da leitura na sala de aula e o Curso: Literatura infantil e juvenil na escola. Ainda destaco duas outras atividades de extensão. O evento, **As contribuições de Ranganathan para a Biblioteconomia** que reuniu profissionais e estudantes de Biblioteconomia a fim de proporcionar retomada e uma reflexão sobre as contribuições teóricas e práticas de Ranganathan, bibliotecário indiano do início do século XX. Evento coordenado pela professora Elisa Cristina Delfini Corrêa. **O Programa de Extensão Entrelaçamentos entre Educação, Cultura e Sociedade através de Múltiplas Linguagens Envolvendo Comunidade e Universidade**, coordenado pela professora, Tânia Regina da Rocha Unglaub. (EGGERT-STEINDEL <http://lattes.cnpq.br/4713882118791156>)

A extensão universitária no meu entender é um espaço de ensino e pesquisa não só teórico, mas técnico-operacional e destaco - principalmente dessa atividade do



*professora (a) universitário (a) -, a arte de relacionar-se com as pessoas que implementam as ações extensionistas e a comunidade alvo desse tipo de trabalho universitário. Sempre uma experiência de formação.*

### **Leitura e ser professora, pesquisadora**

Pereira (1996) ao refletir sobre a formação do professor (a), nos dá algumas pistas para se entender o ser professor (a) e essas pistas estendo à outras profissões. Esse autor em seus estudos tem como alvo a personalidade e a professoralidade. Isto é, ele toma em conta, a idéia de que a personalidade e a professoralidade andam juntas, dito de outra forma: ser professor é uma alternativa, uma saída que o sujeito constrói a fim de realizar um projeto emergente em sua subjetividade. A formação acadêmica é a estratégia viabilizadora de sua subjetividade; ou entenda-se que a professoralidade está a personalidade e vice versa - *o ser professor (a) está na sua pessoa e sua pessoa está no ser professor (a).*

Estas categorias acredito são forjadas também a partir leitura, há um ditado na cultura alemã com a seguinte assertiva - somos aquilo que comemos, arrisco a dizer para “Somos aquilo que lemos”. O ler também nos faz pesquisador. Como afirmei ao iniciar esse texto - Minha aproximação com os livros, vem com o tempo.

Há uma leitura de estudo inerente a qualquer profissional, porém não é necessariamente dela que desejo falar, mas sim destacar a leitura ficcional como elemento de constituir-se professora/pesquisadora e pessoa. Nessa esteira faço aqui uma reflexão a partir do texto de Marly AMARILHA (1997) “**Estão mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica”, texto de estudo para a disciplina da Literatura Infantil, como forma de explicitar a literatura de ficção como elemento de formação e inventar-se a Si como pessoa/ professora/pesquisadora.

O texto literário destinado ao público infantil e juvenil de acordo com essa autora, em primeiro lugar produz o envolvimento emocional que vem a partir da imaginação dos personagens e uma relação de identificação entre leitor e texto, quem dela usufrui começa a fazer de conta, participa da narrativa, faz parte da história, isto é, faz-se o momento catártico (catarse).

Em um segundo momento observa Marly Amarilha, essa literatura tem uma função organizadora de sentido dos fatos, uma vez que responde as expectativas do receptor e então ele (receptor) percebe “uma sequência de fatos conexos, como se as



causas sempre resultassem em consequências, e os enredos do destino humano, ali representados, [...]”. (p.19) O receptor envolve-se na trama de aventura, emoção, prazer, frustração, ampliando suas experiências de mundo.

Em terceiro lugar e último lugar, na estrutura desse texto ficcional, o receptor começa a antecipar os fatos e imaginar o fim, o que significa representar na mente a importância da existência da vida de determinado personagem e da sua própria vida.

Nesta direção é essencial destacar a literatura ficcional se constitui em um aprendizado do lugar da catarse no indivíduo. Mobiliza questões pessoais e coletivas daí por quê tem seu lugar na sala de aula e para muito além dela.

*Na condição de professora, pesquisadora cultivo essa prática e instigo-a como saudável provocação aos estudantes. Então digo, convido seus estudantes leiam a Odisseia, Grande Sertão: veredas, Capitães de Areia [...], O Futuro é Ancestral, A Rainha Guingá, O vendedor de passados, Teoria Geral do esquecimento [...] a lista de títulos é imensa e qualificada existente na biblioteca pública, na escolar, especializada e na universitária ou na sua biblioteca pessoal. Assevero vocês nunca mais serão os/as mesmos/as pessoas/estudantes - professores (as)/pesquisadores(as). A leitura ficcional é importante e essencial categoria **na e com a** formação de nós professores (as)/pesquisador(as)/pessoa, estudantes [...].*

### 3 CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Para concluir e continuar a (re) inventar-se a si:

*Ainda que me faça repetida:*

[...] o tempo é largo, o tempo é grande, o tempo é generoso, o tempo é farto, é sempre abundante em suas entregas: amaina nossas aflições, dilui a tensão dos preocupados, suspende a dor aos torturados, traz a luz aos que vivem nas trevas, o ânimo aos indiferentes, o conforto aos que se lamentam, a alegria aos homens tristes, o consolo aos desamparados, o relaxamento aos que se contorcem, a serenidade aos inquietos, o repouso aos sem sossego, a paz aos intranqüilos, a umidade às almas secas; satisfaz os apetites moderados, sacia a sede aos sedentos, a fome aos famintos, dá a seiva aos que necessitam dela, é capaz ainda de distrair a todos com seus brinquedos; em tudo ele nos atende, mas as dores da nossa vontade só chegarão ao santo alívio seguindo à soberania incontestável do tempo, não se erguendo jamais o gesto neste culto raro; é através da paciência que nos purificamos, [...]. (NASSAR, 1989, p. 58 – 59 passim.).



A orientação de trabalhos acadêmicos, quer seja no âmbito do ensino, da pesquisa ou da extensão, não termina com a finalização e entrega dos respectivos relatórios. O encontro professor (a) - estudantes se estende no tempo. Faço minhas as palavras de Raduan Nassar, esse “Encontro–orientação” é largo, é grande, é generoso, é farto, é sempre abundante em suas entregas [...]. As experiências e práticas de orientação vividas por mim outrora, como aluna, aluna mestranda ou doutoranda, reinventei-as na condição de pessoa, professora, professora–orientadora, pesquisadora; quiçá esses estudantes se **(re)** inventem a sua condição, quer como pessoas, bibliotecários, pedagogos, historiadores e/ou professores orientadores.

Por último é necessário repetir que a leitura é condição para a invenção de si, como estudantes/ professor (a), pesquisador (a) e pessoa, a leitura é ensinante, generosa, larga - é confortadora em muitos dos momentos no meu pensar e fazer ser professora, professora-pesquisadora, extensionista e os outros fazeres institucionais.

**AGRADECIMENTOS:** Registro aqui minha gratidão aos meus professores (as) e orientadoras e agradeço aos meus estudantes, aprendentes e ensinantes, na busca de se constituírem autores de Si.

## REFERÊNCIAS

- AMARILHA, M. **Estão mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. Petrópolis: Vozes, Natal: EDUFRN, 1997.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer.** 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CHARTIER, R. **História cultural:** entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.
- EGGERT-STEINDEL, G. **Cadernos de acompanhamento estudantes TCC.:** 2005, 2006 e 2007, [Manuscritos].
- GATTAZ, A. C. **Braços da resistência: uma história oral da imigração espanhola.** São Paulo: Xamã, 1996.
- Goodson, Ivor F. Da voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: Nóvoa, Antonio (Org.) (2007). **Vidas de professores.** 2 ed. Portugal: Porto Editora, 2007.
- HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: Nóvoa, A. (2007) (Org.). **Vidas de professores.** 2.ed.: Portugal: Porto Editora, 2007.



NASSAR, R. *Lavoura arcaica*. 3. ed rev. pelo autor. 12a ed. impressão. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2.ed. Portugal: Porto Editora, 2007.

\_\_\_\_\_. Os professores e as histórias da sua vida. In: Nóvoa, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2.ed. : Portugal: Porto Editora, 2007.

PEREIRA, M. V. **A estética da professoralidade**: um estudo interdisciplinar sobre a subjetividade do professor. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil, 1996.

QUEIROZ, M. I. P. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação**. São Paulo: T. Queiroz, 1991.

\_\_\_\_\_. **Relatos orais**: do “indizível” ao “dizível”. In: Simson, O. M. Von (Org.). *Experimentos com histórias de vida*: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice. Ed. Revista dos Tribunais, 1988.

SIMSON, O. M. Von (Org.). **Experimentos com histórias de vida**: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice. Ed. Revista dos Tribunais, 1988.

WARDE, M. J. Diário de uma orientadora de teses. In: Bianchetti, L. (Org.). **Trama & texto**: leitura crítica escrita criativa. Passo Fundo (RS): Plexus; EDIUPF, 1996.